

**Entre bombardeios noticiados
e fofocas impressas: euforia e
práticas na imprensa escrita de
Joinville – SC (1910-1960)**

**Among reported shelling
and printed gossip: euphoria
and practices in the press of
Joinville-SC (1910-1960)**

**Entre reportado bombardeos
e impreso chisme: euforia
y prácticas en la prensa de
Joinville-SC (1910-1960)**

Christiane Heloisa Kalb¹

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade (MPCS) pela Universidade da Região de Joinville (Univille), especialista em Direito Civil e Processo Civil pela Associação Catarinense de Ensino (ACE), bacharel em Direito pela Univille. Advogada atuante em Santa Catarina. Membro voluntário da Comissão de Patrimônio Cultural (COMPHAAN) de Joinville desde 2013. Pesquisadora do Laboratório de Estudos Transdisciplinares (LET) pela UFSC.

Recebido em: 25/2/2016
Aceito para publicação em: 18/8/2016

Resumo: Este estudo tem o intuito de descrever, mediante uma discussão interdisciplinar, algumas experiências vividas e os acontecimentos ocorridos na cidade de Joinville, com base em jornais impressos, tomando como pano de fundo o edifício do Cine Palácio, antigo Theatro Nicodemus, tombado em 2003, e o seu entorno desde a sua inauguração em 1917 até meados da década de 1960, quando se iniciaram os primeiros passos para o surgimento de políticas públicas de preservação na cidade. Para tanto, por meio de uma pesquisa documental no Arquivo Histórico de Joinville no período de abril a agosto de 2015, acessaram-se jornais publicados naquelas determinadas décadas e períodos específicos, num recorte histórico peculiar, que faz parte de uma tese de doutoramento em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, com enfoque nas políticas públicas de preservação de patrimônio cultural em Joinville (SC). A intenção deste artigo é, além de analisar o clima de euforia, as práticas e as vivências noticiadas na imprensa escrita, em período próximo à inauguração do espaço do teatro, verificar em contraponto os acontecimentos do momento, como por exemplo a declaração de guerra do Brasil à Alemanha, a Primeira Guerra Mundial e a Campanha de Nacionalização, influenciando a cidade de Joinville. Num segundo momento buscou-se analisar as semelhanças e disparidades, durante a década de 1910, entre os jornais *Kolonie-Zeitung* e *Actualidade*, veiculados em Joinville, e na sequência os jornais *A Notícia*, que até hoje circula na cidade, e o *Jornal de Joinville* num interstício determinado entre as décadas de 1940 e 1960. Por ora, conclui-se que os fatos relatados em tais impressos influenciaram a narrativa histórica desse bem cultural, atualmente protegido pela lei de tombamento municipal.

Palavras-chave: imprensa escrita; jornal; Joinville; Cine Palácio; identidade.

Abstract: This study aims to discuss from an interdisciplinary discussion the experiences and the events at Cine Palácio and its surroundings since its opening in 1917 until the mid 1960, when start the preservation public policies. To do so, from a documentary research near the Joinville Historical Archives in the period April to August 2015, I scoured newspapers published in those certain decades and specific periods, a peculiar historical portrait, which is part of the doctoral thesis in Human Sciences at the Federal University of Santa Catarina, with a focus public policy of cultural heritage preservation in the city of Joinville / SC. The intent of this article is to analyze the climate of euphoria, practices and experiences in the vicinity of the opening of the cinema space in contrast to the events of the moment: Brazil declared war on Germany and World War influenced the city of Joinville. Secondly, analyzed the similarities and differences between newspapers *Kolonie Zeitung* and *Actualidade* in Joinville, aired in the 1910s, the newspaper *A Notícia*, until now circulating in the city and *Jornal de Joinville* in particular interstitial between the 1940s and 1960. The contributions leading theorists were Stuart Hall and Le Goff. For now, it is concluded that the facts narrated in these printed influenced the historical narrative of this cultural asset, currently protected by the law of municipal tipping.

Keywords: written press; newspaper; Joinville; Cine Palácio; identity.

Resumen: Este estudio tiene como objetivo describir, a través de una discusión interdisciplinaria, algunas experiencias y eventos en la ciudad de Joinville, basado en los periódicos, usando como telón de fondo el edificio Cine Palace, antiguo Teatro Nicodemus, se desplomó 2003 y su entorno desde su apertura en 1917

hasta mediados de la década de 1960, cuando comenzaron los primeros pasos para la creación de políticas públicas para preservar la ciudad. Por lo tanto, a través de una investigación documental en Archivos Históricos Joinville en el período de abril a agosto de 2015, si se accede, periódicos publicados en esos ciertos décadas y períodos específicos en un determinado período histórico, que es parte de una tesis doctoral en Ciencias Humanidades en la Universidad Federal de Santa Catarina, con un enfoque en las políticas públicas para preservar el patrimonio cultural en Joinville (SC). La intención de este artículo es, además de analizar el clima de euforia, las prácticas y las experiencias reportadas en la impresión, en el período que rodea a la inauguración del espacio teatral, comprobar en contraste con los acontecimientos actuales, tales como la declaración de guerra de Brasil a Alemania, la Primera Guerra Mundial y la campaña de nacionalización, que influyen en la ciudad de Joinville. En segundo lugar buscado analizar las similitudes y diferencias en la década de 1910, entre *Kolonie-Zeitung* y el periódico *Atualidade* que se sirve en Joinville, siguiendo el periódico, que hoy circula en la ciudad, *Anoticia* y *Jornal de Joinville*, en particular intersticial entre los años 1940 y 1960. Por el momento, se concluye que los hechos contenidos en tales impresa influyeron en la narrativa histórica de este bien cultural, actualmente protegida por la ley de inflexión municipal.

Palabras clave: periódicos; periódico; Joinville; Cine Palácio; identidad.

INTRODUÇÃO

*“Aviso que o [...] é um ladrão.
Favor não emprestar nada para ele.”
Kolonie-Zeitung (1917)*

O edifício do Theatro Nicodemus foi inaugurado no ano de 1917, nome dado pelo seu construtor Francisco Nicodemus. O prédio está localizado no centro da cidade de Joinville, na Rua XV de Novembro, esquina com a Rua Dona Francisca, em frente à Praça da Bandeira. A empresa projetista do edifício foi a Keller e Cia. Ltda., e a obra foi executada e patrocinada por Francisco Nicodemus, primeiro empreiteiro de obras de Joinville (FICKER, 2008). Esse conjunto arquitetônico mudou de nome várias vezes no decorrer das décadas. Quando da inauguração do Theatro Nicodemus, na década de 1930, era o Palace Theatro, depois ficou conhecido como Cine Palácio, o que perdurou quase cinco décadas. Na década de 1990, o cine teatro foi alugado por uma igreja, permanecendo com as atividades de cinema até 1995, em salas laterais ao grande salão principal, sob o nome de Cinelândia. Hoje o prédio é propriedade de uma igreja evangélica, a Igreja Universal do Reino de Deus (Iurd), a qual realiza cultos em seu interior, ocupando todo o espaço do que um dia abrigou o antigo cinema de rua Cine Palácio.

Algumas das experiências vividas e dos acontecimentos ocorridos no Cine Palácio, antigo Theatro Nicodemus, e no seu entorno desde a inauguração do prédio até o pedido de seu tombamento em 2003 (FCJ, 2002) foram reportadas em notícias jornalísticas, catalogadas no Arquivo Histórico de Joinville. Mas, para descrever algumas dessas experiências, as quais integram minha tese de doutoramento interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina, é imprescindível averiguar o que vinha ocorrendo na cidade na época da construção do Theatro Nicodemus, em 1917.

Num recorte histórico peculiar, pretende-se analisar o clima de euforia, as práticas e as vivências reportadas nos jornais da cidade, em data próxima da inauguração do espaço do cinema em contraponto com os acontecimentos do momento. Alguns desses fatos são: a

declaração de guerra do Brasil à Alemanha, em razão de incidentes com navios brasileiros; a Primeira Guerra Mundial, que influenciou a cidade de Joinville, a “pequena Alemanha brasileira”²; e a Campanha de Nacionalização, a partir dos anos 1930. Analisou-se o período compreendido entre as décadas de 1910 e 1930, e num segundo momento foram exploradas as semelhanças e disparidades entre os jornais *Kolonie-Zeitung* e *Actualidade* (que são o mesmo jornal, apenas com nomes diferentes, em razão da perseguição ocorrida durante a Campanha de Nacionalização, conforme será explicado adiante) e, depois, os jornais *A Notícia*³ e o *Jornal de Joinville*, num interstício determinado entre as décadas de 1940 e 1960.

Para desenvolver tal exploração arquivística, realizou-se uma pesquisa documental no Arquivo Histórico de Joinville no período de abril a agosto de 2015, percorrendo jornais publicados naquelas determinadas décadas e períodos específicos. A escolha do recorte de datas deu-se porque 1917 é o ano de inauguração do Theatro Nicodemus, pano de fundo deste estudo, e pelo fato de que a década de 1960 é marcante, pois determina os primeiros atos em prol da preservação do patrimônio da cidade. Tais atos, no entanto, não serão especialmente abordados neste artigo, por fazerem parte da tese como um todo. Por ora, percebe-se que os fatos narrados em tais impressos influenciaram a narrativa histórica desse bem cultural, atualmente protegido pela lei de tombamento municipal, e também a vida social da cidade de Joinville.

UM CINE-TEATRO NO CONTEXTO HOSTIL

A imprensa escrita de Joinville, por meio das publicações em seus jornais locais, sempre foi uma vitrine dos acontecimentos da cidade. Entre avisos de uma guerra longínqua, disputas partidárias nos centros do país e anúncios de remédios para o clima de verão, no jornal *Kolonie-Zeitung*, publicado em língua alemã, era possível também encontrar a programação dos cinemas, alguns ainda ambulantes na cidade. Esse jornal, inaugurado em 1862, na década de 1910 era distribuído em Joinville e também enviado para algumas cidades alemãs.

O jornal *Kolonie-Zeitung* publicava em todas as suas edições as sessões de cinema. Havia poucos cinemas na cidade em 1917, pois os filmes em sua maioria eram exibidos de forma itinerante, ao ar livre ou dentro de clubes associativistas, até que as salas de cinema se fixaram em edifícios próprios para a sua exibição. Exemplo dessas sessões são as do Cinema Floresta, único cinema instalado dentro de um clube até o início de 1917; ele ficava na Rua 9 de Março, no centro da cidade. Publicou na primeira edição do *Kolonie* daquele ano o filme *Serra Azul*, que seria exibido em 2 de janeiro. Em 20 de novembro de 1917, no *Actualidade* (substituto do *Kolonie*) foi anunciada uma propaganda do mesmo Cinema Floresta, dizendo: “25 de novembro sucesso!! sucesso!! Filme: Tigre Real, em 8 grandes partes” (ACTUALIDADE, 1917). O filme foi estrelado pela artista Pina Menichelli. Junto da propaganda, o cinema sempre fazia uma pequeníssima sinopse da história e do valor a ser pago pela sessão.

Em meio aos fatos daquele ano de 1917, com o fim da guerra e estado de sítio declarado, os cinemas e clubes eram as formas de lazer da população, pois ainda traziam alegria e diversão aos moradores. Havia também outras formas de entretenimento, como jogos de futebol, passeios, brincadeiras das crianças nas ruas e os eventos nas sociedades privadas. O cinema de rua era um ambiente de sociabilidade, de *status* e de convivência entre os habitantes, ainda que algumas vezes gerasse discórdias. Afinal, nos cinemas era permitido fumar, o que causava revolta, anunciada já em 1911 na imprensa local: “Só compreende

² Expressão utilizada muitas vezes nos jornais de Joinville para se referir à própria cidade.

³ O jornal *A Notícia* está até hoje em circulação na cidade.

quem lá esteve [...] por três longas horas sob uma atmosfera impregnada pela fumaça dos charutos e cigarros”, expõe Ficker (2008, p. 379) em sua crônica sobre a cidade.

Os meses anteriores à inauguração do Theatro Nicodemus constituíram um período bastante conturbado, com diversos pedidos de alistamento militar para defender o país em guerra – na verdade, o mundo em guerra. Era uma época de incertezas, na qual os jornais expunham o inconveniente de ter nacionalidade alemã ou ser filho de alemães. Isso numa terra onde praticamente só se falava alemão e em que, a partir da entrada do país no confronto, os moradores de Joinville foram obrigados a não mais falar em alemão em locais públicos, fato que se repetiu mais fortemente durante a Campanha de Nacionalização⁴ nos anos 1930.

Os encontros nas sociedades e nos clubes eram alguns dos únicos refúgios seguros, assim como as residências, onde ainda se mantinham a tradição e a língua alemã. Lembro que minha bisavó materna Edith Timm, nascida em 1906, contava o sentimento de medo que experimentava durante a Primeira Guerra e também depois na Campanha de Nacionalização, quando havia perseguição aos alemães e a seus filhos e netos. Eles se escondiam em porões ou nos sótãos das casas, junto de seus livros, todos escritos em alemão, até que alguém avisasse que poderiam sair. A língua e a nacionalidade motivaram tais perseguições, apesar de muitas dessas pessoas já sentirem o país brasileiro e a cidade de Joinville como seus, tanto que vários deles, após o fim do estado de sítio declarado ainda naquele ano de 1917, requereram a nacionalidade brasileira, abdicando da alemã, ou da polonesa, suíça, norueguesa, conforme fosse o caso. Não saberia dizer se tais pedidos foram gerados por receio de uma nova guerra, que realmente veio a acontecer décadas mais tarde, ou se não se sentiam mais alemães.

Analisar “nossa”, ou melhor, “minha” própria cultura, já que sou nascida em Joinville e bisneta de um dos fundadores da cidade, é um problema que, desde a década de 1990, Gupta e Ferguson (2000) chamam de uma relação entre “aqui” e “lá”, a partir da crítica cultural. Quando observei os jornais publicados na cidade entre o fim da década de 1910 e os anos 1960 (que analisarei mais à frente), percebi o quanto essas publicações encarnavam uma cultura própria germânica, como se não houvesse mais nenhuma cultura na cidade além dessa, como se Joinville fosse constituída apenas de imigrantes germânicos e seus descendentes. E isso não é verdade.

Por isso, a identidade cultural de um lugar deve ser pensada como uma produção que nunca se completa, e em Joinville ainda não se completou. Identidades vão se construindo por meio de representações, as quais não são fatos consumados, estáticos. Por essa razão, a noção de dinamismo cultural buscada nos grupos gera ao mesmo tempo silêncios. Assim, Stuart Hall (2004) posiciona-se no sentido de que a identidade cultural não pode ser essencializada; ela precisa ser pensada com pontos de identificação e de sutura feitos no interior dos discursos da cultura e da história.

No início do século XX, os moradores de Joinville ligados à identidade teuta, apesar de viverem e experienciarem essa cidade brasileira, sentiam-se ainda conectados à Alemanha ou a outros países de origem germânica. Não devemos nos esquecer de sujeitos que chegaram de outros países que não eram de tradição germânica, ou ainda dos descendentes de indígenas ou de negros. Aqui estão os silêncios, a invisibilidade. O multiculturalismo é evidente, pois “os imigrantes [...] usam a memória do lugar para construir imaginativamente seu novo mundo” (GUPTA; FERGUSON, 2000, p. 36). E, apesar de a identidade não ser fixa, por ser um processo em constante construção, engendra momentos de rigidez quando se

⁴ A Campanha de Nacionalização durante o Estado Novo do governo de Getúlio Vargas foi uma política que tinha como intento integrar a população brasileira mediante certos aspectos identitários “unos”, que os identificassem como “brasileiros”. Também serviu para diminuir o poder estrangeiro dentro das cidades especialmente do sul brasileiro, que recebiam imigrantes europeus. Nesse período houve a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), em 1937, com o objetivo de elaborar o inventário do patrimônio brasileiro.

anuncia, quando se posiciona perante o outro. É o que Hall (2004) chama de identidade posicional, por meio da qual, nesse caso, os (i)migrantes buscam estratégias e táticas escolhidas propriamente para conseguir direitos e reconhecimentos.

Retomando as publicações usualmente veiculadas sobre o que vinha sendo divulgado na Alemanha, especialmente e também na Europa de forma geral, os jornais pontuavam fatos que da mesma forma aconteciam nas últimas semanas no Brasil e, depois, em alguns estados específicos, como Paraná e Rio Grande do Sul. Percebe-se, analisando as edições do ano de 1917, que as manchetes publicadas em grandes cidades, como Londres, Buenos Aires, Nova York, Petersburgo e Paris, eram replicadas de forma resumida no *Kolonie-Zeitung*, mostrando-se um jornal realmente bem completo.

Para ter entendimento de como isso funcionava, explica-se aqui o que se vinha publicizando nos interstícios antes da inauguração do Theatro Nicodemus, edifício conhecido por Cine Palácio a partir dos anos 1930 e onde hoje é a Igreja Universal do Reino de Deus. No dia 6 de novembro de 1917 foi noticiado no jornal *Actualidade* o estado de guerra declarado entre Brasil e Alemanha. Na mesma edição foi publicado o ato oficial da União, por intermédio da Lei n.º 3.393/1917, que declarou estado de sítio em todo o país até 31 de dezembro, o qual foi prorrogado por duas vezes até fins de 1918. A guerra impôs-se à Alemanha e aos alemães.

A partir daquele dia (6/11/1917) ficou proibida a publicação de qualquer jornal em língua alemã. Como consequência de tal ato, iria ser suspensa a circulação do jornal *Kolonie-Zeitung*, que seria substituído pelo jornal *Actualidade*, distribuído nas terças e quintas-feiras, exclusivamente em língua portuguesa. Nesse período o Brasil declarou guerra aos poderes centrais (Império Alemão, Áustria-Hungria e Itália), e por conta das pressões provocadas pela Primeira Guerra o *Kolonie-Zeitung* rompeu pela primeira vez a tradição de ser editado em língua germânica. Por quase dois anos – de 6 de novembro de 1917 a 21 de agosto de 1919 – circulou em português, para facilitar a aceitação do periódico e evitar as perseguições do governo, que não via com bons olhos a imprensa estrangeira.

O estado de sítio, noticiado no periódico, originou-se de atos contra navios brasileiros, o vapor Paraná e o navio Tijuca, que foram torpedeados supostamente por submarinos alemães em meados de abril e maio de 1917 (KOLONIE-ZEITUNG, 1917). Até aquele momento, a Marinha brasileira vinha cumprindo as exigências internacionais ditadas para os países neutros. Nos meses seguintes aos eventos com os navios brasileiros, o então presidente Wenceslau Brás confiscou mais de 40 navios austro-húngaros e turcos em mares brasileiros, como forma de indenização às perdas sofridas com o Paraná e o Tijuca. O estado de sítio declarado era mais um ato de represália contra os inimigos alemães que estivessem em território brasileiro.

Os pedidos de naturalização foram suspensos até o fim do estado de sítio. Até mesmo a criação de campos de concentração era indicada na lei como medida contra os cidadãos dos Impérios Centrais, no entanto não há registros de ter havido a instalação de campos de concentração na cidade de Joinville na Primeira Guerra.

As notícias que vinham de fora da cidade eram recebidas por serviço telegráfico, por isso eram resumidas. Numa delas, no dia 8 de outubro de 1917, o Ministério do Exterior solicitava informações sobre os brasileiros que estavam na Alemanha naquela época; pelo que foi publicado, havia 20 brasileiros natos e 50 teuto-brasileiros fora do país, aos quais, pelo fato de o Brasil ter rompido relações com a Alemanha, se aconselhava que voltassem para cá (KOLONIE-ZEITUNG, 1917). Nessa mesma publicação, os pais estavam requerendo auxílio ao ministro para repatriar seus filhos, tanto que pediam intervenção direta do Itamarati, para que de alguma forma trouxesse seus filhos de volta.

Além disso, foi solicitado de forma expressa, nos jornais locais, o respeito à nacionalidade brasileira, com a utilização da língua portuguesa. Muitas escolas de língua alemã, não só na Região Sul, foram fechadas naquele ano. Na edição de 13 de novembro de 1917, o jornal *Actualidade* publicou que em Vitória, no Espírito Santo, 14 escolas alemãs tinham sido fechadas em razão das práticas estudantis em alemão, que não poderiam mais

ser realizadas. Em Joinville, a Escola Alemã (*Deutsche Schule*), hoje Colégio Bom Jesus, teve suas atividades mantidas por pedido direto ao superintendente Abdon Batista, que durante alguns meses ainda manteve as portas da instituição abertas, desde que ela contratasse mais professores que falassem português. Além das escolas, as repartições públicas também tinham a obrigação de usar a língua portuguesa, conforme deliberação do superintendente, tanto que nos órgãos municipais eram afixadas placas com tal determinação, sob pena de demissão e/ou prisão – salvo pessoas que não sabiam falar em português, mas que ainda assim deveriam procurar um intérprete.

Todos esses fatos divulgados nos jornais nacionais, replicados nos locais, influenciaram de alguma forma o processo de construção e de inauguração do Theatro Nicodemus. Por estar localizado em área central da cidade, recebia diversas pessoas todos os dias, por meio da circulação habitual das ruas transversais. A pulsação do centro podia ser sentida nos arredores do teatro, que além do uso cultural também detinha um quê de encontros sociais.

A inauguração do teatro ocorreu em dezembro de 1917, às vésperas do Natal. No ano de 1918, nas edições seguintes do jornal *Actualidade* (ano 2), percebe-se que eram publicizados os eventos que começaram a dar fim à Primeira Guerra Mundial. Em 3 de janeiro noticiou-se: “O Brasil envia um grupo de aviadores para defender o país de possíveis invasores. A Rússia entra em colapso e deixa a guerra. Os Aliados conseguem fazer a Alemanha recuar” (ACTUALIDADE, 3 jan. 1918, p. 1). As informações sobre a guerra e sobre a situação brasileira eram extraídas do serviço telegráfico da imprensa do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Curitiba, conforme figura 1.

Figura 1 – Jornal *Actualidade* (3 jan. 1918)



Fonte: Arquivo Histórico de Joinville (2015)

Além desses dados que se referem à guerra, na mesma edição do jornal *Actualidade* o Theatro Nicodemus anunciou uma festa de caridade, que ocorreria no seu salão às 20 horas, em benefício do Asilo de Órfãos e da Cruz Vermelha brasileira, esta última instituição fundada em 1907 no Brasil. Tal programa se dizia escolhido com as “fitas mais célebres dos fabricantes”, as quais iriam conter os melhores filmes a se projetar na tela cinematográfica. O teatro enfatizou, tentando apaziguar as consequências da guerra, como o surgimento de órfãos e feridos, que “a comissão apela para a nobreza de sentimentos filantrópicos desta cidade, para que todos auxiliem com o seu voluntário apoio o seu concurso afim de dar mais brilhantismo e real mérito a esta festa tão comunitária” (ACTUALIDADE, 3 jan. 1918, p. 3).

Na edição seguinte, do dia 10 de janeiro, uma inusitada publicação foi feita: “O ano de 1918 – As profecias de um adivinho”. O autor do texto, sob o nome de “Adivinho das sete palmeiras do mangue ou de A. Cravo Negro”, colocou uma longa série de acontecimentos que ele elegia como certos para o ano de 1918.

Um punhado de coisas trágicas, um naufrágio, revolução num estado no Norte, morrerá um grande homem, o Distrito Federal estremecerá, suicidar-se-á um dos políticos, arrebentará um terrível escândalo entre pessoas da alta sociedade e a paz se instaura (ACTUALIDADE, 10 jan. 1918, p. 2).

Apesar das profecias generalizantes e do sensacionalismo advindo do jornal, um dos acontecimentos previstos pelo Cravo Negro que se realizou foi, realmente, o fim da guerra, em 11 de novembro de 1918.

Analisando o jornal escrito em alemão *Kolonie-Zeitung* no Arquivo Histórico de Joinville, percebe-se que em 1919 ele voltou a ser comercializado com esse nome, deixando o *Actualidade* na lembrança da comunidade joinvilense. O *Kolonie* foi veiculado em Joinville até o ano de 1942. No entanto, por pressão gerada pela Campanha de Nacionalização, houve uma política especialmente voltada para a Região Sul do Brasil, em prol de abraçar a população. Com isso, tanto as escolas alemãs foram fechadas novamente como os jornais que circulavam ainda na língua teuta tiveram de ser encerrados, nunca mais voltando a ser veiculados em alemão.

No livro *A Notícia: jornalismo & história - 1923-2003*, Ternes (2003, p. 13) destaca que os reflexos da Campanha de Nacionalização foram ainda mais intensos nas cidades catarinenses de Joinville e Blumenau, nas quais o alemão era falado por mais de 80% da população. A imprensa diária dessas localidades, feita toda na língua germânica, teve de passar por grandes modificações para se adaptar à nova realidade. Maria Thereza Böbel, ao ser entrevistada por Santos (2004), atesta que, durante as revistas do governo às gráficas dos jornais na época da Campanha de Nacionalização, o *Kolonie-Zeitung* só não foi apreendido porque a família Boehm, dona da gráfica que imprimia os jornais até então, escondeu atrás de um armário os números encadernados.

Os efeitos da campanha alcançaram também outras famílias de renome na cidade; uma delas foi a família Nicodemus, que no início do governo Vargas, na década de 1930, precisou vender seu teatro. O país estava passando por uma situação econômica complicada, em razão da crise cafeeira e das exigências políticas ligadas à Campanha de Nacionalização. Francisco Nicodemus viu-se sem saída, em razão da crise, tendo de repassar o espaço do cinema para a família Van Biene.

IMPrensa IMPRESSA DE JOINVILLE

Um vilarejo de pouco mais de 20 mil habitantes no início do século XX, Joinville não só vivia dos assuntos ligados à guerra. Também se publicava sobre os mais variados temas relacionados à vida comercial, social, agrícola e industrial do que era a cidade de Joinville.

Por isso, mostra-se importante, nesse momento, examinar como esse equipamento de cultura urbano, a imprensa escrita, foi se modificando no decorrer das décadas, até 1960.

As percepções aqui descritas são um recorte de estudos sobre os jornais da cidade realizados por Lima (2013) e Santos (2004), somados ao que analisei e concluí, após quatro meses de pesquisa em campo no Arquivo Histórico de Joinville sobre estes quatro periódicos: *Kolonie-Zeitung*, *Actualidade*, *A Notícia* e *Jornal de Joinville*.

O dia 20 de dezembro de 1862 representa a data significativa do nascimento da imprensa em Joinville. Nesta data, foi lançado o número experimental do *Kolonie-Zeitung*, órgão informativo da Colônia Dona Francisca e Blumenau. Com a tiragem de 250 exemplares impressos num prelo manual de fabricação alemã, o Sr. Ottokar Doerffel, principal mentor da imprensa em Joinville, realizou o seu sonho com a distribuição dos primeiros exemplares já dois dias antes, ou seja, no dia 18 de dezembro, em forma de doação, [...] dedicado ao engenheiro Wunderwald e rubricado pelo impressor Carl Wilhelm Boehm (FICKER, 2008, p. 211).

Após pouco mais de dez anos da fundação de Joinville⁵, em 1851, a cidade já contava com um jornal impresso. A figura 2 mostra o local onde eram impressos os jornais e outros documentos, sob a tipografia de Ed. Schwartz.

Figura 2 – Tipografia de Ed. Schwartz, Joinville, início do século XX



Fonte: Cunha e Bastian (2009)

⁵ A cidade foi fundada em 9 de março de 1851. Apesar de algumas discussões a respeito do dia de fundação, utilizarei a data dita “oficial”. O historiador Diego Machado afirma em sua dissertação de mestrado, a qual, entre outros temas, trata das comemorações do sesquicentenário da cidade (em 9/3/2001), que nesse interstício da organização da festa houve disputas de afirmação de identidade étnica, especialmente concernentes aos grupos suíços, que recentemente foram reconhecidos como fundadores da cidade. Estudos revelaram, assevera Machado, que mais de três quartos dos passageiros da barca Colon, primeira embarcação a chegar em Joinville em 9 de março de 1851, dia da fundação da cidade, eram suíços. Portanto, os primeiros imigrantes alemães não eram, propriamente, “alemães”. Outro debate ocorrido no período foi exatamente quanto à data de fundação da cidade. A data de 9 de março foi combatida em “farpas” jornalísticas entre historiadores autorizados de Joinville, a saber, Dilney Cunha e Apolinário Ternes (MACHADO, 2009, p. 138).

O jornal *Kolonie-Zeitung*, durante os anos de 1910 a 1920, era dividido em quatro partes, ou melhor, em quatro páginas, sendo a maior parte das laudas impressa na língua alemã. Na página inicial, o periódico expressava o que estava acontecendo na Europa, principalmente dando informações do que ocorria na Primeira Guerra Mundial na França, Alemanha e Inglaterra. Num segundo espaço, normalmente a partir da segunda página, falava-se da capital brasileira da época, Rio de Janeiro; tratava-se de questões de despesas do governo e, em algumas edições, faziam-se convocações para o Exército, com o nome expresso das pessoas convocadas. Nessa segunda parte havia também intimações judiciais, nesse caso em português.

A jornalista do *Notícias do Dia* Maria Cristina Dias dos Reis Lima (2013)⁶ entrevistou em 2013 a tradutora de alemão e alemão gótico do Arquivo Histórico de Joinville na época, Helena Richlin. Ela confirmou o que averigui: que nas páginas do *Kolonie-Zeitung* é possível encontrar notícias internas do país, de locais como Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e até do Amazonas, convenções de partidos, candidatos a cargos públicos, nomeações, levantamentos meteorológicos, eventos, reuniões das sociedades culturais e esportivas da localidade, venda de terrenos, oferecimento de serviços, participações em nascimentos, casamentos e óbitos e até brigas de vizinhos. Com isso, Helena Richlin explica que por meio das páginas do jornal é possível traçar um retrato do dia a dia da colônia. Percebe-se um pouco do cotidiano, com as relações sociais, pessoais e comerciais, além de trocas de informações boas ou ruins, positivas ou negativas, mas não havia uma postura de confronto. A tradutora afirma que o jornal publicava suas notícias de forma neutra. Às vezes, o editor emitia uma opinião, mas sempre dando direito a réplica. De acordo com Richlin, a redação do *Kolonie-Zeitung* publicava no início de sua primeira página

[...] sempre um resumo, claro e compreensível, das mais importantes ocorrências mundiais, sobretudo dos fatos mais em evidência na Europa, dando atenção especial às coisas e à evolução dos acontecimentos nos países de língua alemã [Trechos do editorial do *Kolonie-Zeitung* de 20/12/1862] (LIMA, 2013).

A escritora Maria Thereza Böbel também era tradutora do Arquivo Histórico de Joinville e pesquisadora do jornal publicado em alemão. Entrevistada por Lilian Mann dos Santos, em 2004, Böbel conta que o *Kolonie* era um jornal muito avançado para a sua época. Já em 1870 o periódico publicava as previsões meteorológicas, o índice pluviométrico de cada mês do ano e a temperatura, informações importantes, uma vez que Joinville é reconhecida como uma cidade onde chove muito. Os anúncios de casamento, óbito, venda, compra, noivado desmanchado e retratação eram frequentes. Nas páginas da publicação, encontravam-se recados que hoje terminariam em processo judicial – por exemplo como *in verbis*: “Aviso que o fulano de tal é um ladrão. Favor não emprestar nada para ele” (SANTOS, 2004, p. 8).

Na última parte do jornal havia sempre os classificados, alguns em português e outros, em sua maioria, em alemão. As propagandas normalmente eram somente em texto escrito, sem muitos desenhos ou imagens. Em 3 de janeiro de 1917, por exemplo, foram publicados anúncios de cafeterias, farmácias, vendas de alimentos em restaurantes, relojarias, móveis, normalmente acompanhados de endereço e telefone para contato. Falava-se ainda do preço e da forma de pagamento, parcelada ou não.

Eram informações que se repetiam em diversos números do jornal. Possivelmente os profissionais e os comerciantes que publicavam no jornal pagavam uma tarifa mensal para

⁶ Essa jornalista possui experiência na área de Comunicação com ênfase em Jornalismo e Editoração, com 19 anos de atuação nos principais jornais diários de Santa Catarina (*Diário Catarinense*, *A Notícia* e *Notícias do Dia*).

que seus classificados continuassem a ser replicados em todas as edições ou em edições salteadas. Um dos serviços que mais se destacavam pela sua repetitividade era a propaganda do médico Dr. Plácido Gomes, estabelecido na Rua 9 de Março, n.º 42, no centro da cidade. Esse médico dizia-se especializado em doenças tropicais, como febre e diarreia, e em “doenças de mulher”.

Em alguns outros classificados, procuravam-se pessoas para trabalhar, com o intuito de oferecer-lhes emprego. Um deles buscava uma mulher (*Mädchen* – moça, em alemão) com idade entre 14 e 16 anos para cuidar de crianças. Há vários anúncios dessa espécie, na maioria das vezes com menção a possuir boas referências advindas de outras famílias para as quais a proponente já havia trabalhado. Hoje esse tipo de anúncio seria completamente rechaçado, já que configuraria trabalho infantil. É interessante constatar a evolução das formas de classificados. Atualmente os jornais, ou melhor, as mídias sociais publicam cadernos próprios inteiros com ofertas de emprego ou de serviços profissionais, bem como outros classificados, como venda de automóveis e bens móveis e imóveis. A oferta e a procura nos jornais do início do século XX em Joinville eram amplas no sentido de sortimento e variedade, no entanto eram também restritas, pela pouca quantidade de oferta.

Em algumas edições do *Kolonie* existem ainda convocações para missas e cultos religiosos, com a indicação de dias e horários desses eventos e de quem seria o vigário ou o pastor celebrante. Desde muito cedo igrejas católicas e protestantes, além de lojas maçônicas, instalaram-se na cidade, o que mostra a diversidade de credo dos habitantes de Joinville no início do século XX.

Em 12 outubro de 1917, o jornal *Actualidade* (substituto do *Kolonie* por alguns meses) veiculou notícias de âmbito estadual e naquela edição tratou de questões locais, como o cuidado que se deveria ter em estradas estaduais, que vinham gerando alguns acidentes. Noutro espaço, falava-se de um pai de família que faleceu, em São Bento do Sul. E ainda, nos classificados, a procura por um produtor rural para trabalhar em uma fazenda no bairro Itinga, a 15 km do centro da cidade (ACTUALIDADE, 1917). Quem faz o anúncio é o Sr. Procópio Gomes, personalidade popular da cidade de Joinville, que hoje tem até mesmo uma rua com seu nome.

As declarações da escritora Maria Thereza Böbel, entrevistada por Santos (2004), mostram que, mesmo com a troca de nome, os leitores sabiam que o *Actualidade* era o antigo “*Jornal da Colônia*”. A linha editorial da obra permaneceu a mesma. O periódico continuou circulando pelas regiões do Vale do Itajaí-Mirim e trazendo informações sobre agricultura. Essas instruções orientavam os colonos vindos da Alemanha a como plantar nas terras brasileiras e incluíam calendários agrícolas (SANTOS, 2004). Maria Thereza Böbel, em entrevista a Santos (2004, p. 9), descreve o jornal de forma peculiar:

Ele é saboroso, ele não manda recado, ele diz mesmo o que quer dizer e os comentários, a maneira de escrever, são muito interessantes. Ao contrário dos jornais alemães da época, nota-se que o raciocínio do redator já era mais parecido com o pensamento dos brasileiros do que com o dos alemães. As frases eram mais simples, com períodos curtos e menos rebuscados, ao contrário do que acontecia nos periódicos de língua alemã. O alemão é difícil, o que nós dizemos em uma frase eles aglutinam em uma palavra.

O jornal *Actualidade* era diagramado em quatro colunas, trazendo na capa notícias referentes à Primeira Guerra Mundial e dando especial destaque para a participação do Brasil no conflito. As matérias publicadas nas duas folhas do jornal seguiram o mesmo estilo de texto crítico e objetivo adotado pelo *Kolonie-Zeitung*. O periódico também reservava espaço para as notícias locais e do interior e, na última página, divulgava os anúncios, com predomínio de convites para festas e bailes pelos salões da cidade (SANTOS, 2004). Muitos

anúncios se repetiam por várias edições, como é o caso dos serviços oferecidos pelo Dr. Sadalla Amin, da venda do sabão Especialidade Virgem, das ofertas da Agência de Viagens Cometa, dos editais da Prefeitura de Joinville, dos empréstimos oferecidos pelo Dr. Albano Schulz, entre outros (SANTOS, 2004, p. 10).

Desde que comecei a ler a edição de 1917 do *Actualidade* (ano 1), de propriedade e editoração do Sr. Otto Boehm, percebi que, quando se relatavam as notícias do estado de Santa Catarina, o periódico falava de um “caso dos pontos” (ACTUALIDADE, 1917). Esse caso refere-se a peças de uma máquina que estavam na propriedade de Carl Hoepcke e Cia., empresa situada na capital (edifício no centro da cidade que foi tombado pelo patrimônio histórico em 1986 – INSTITUTO CARL HOEPCKE, 2013), e que foram furtadas misteriosamente. Algumas pessoas foram ouvidas durante as investigações, e as peças apareceram no porto da cidade de Itajaí. É interessante constatar a forma um tanto exagerada como o editor do jornal coloca o fato. Numa das publicações, o editor (ou jornalista) diz: “sobre o célebre caso dos pontos que há alguns dias está ocupando a atenção e despertando a curiosidade de toda a nossa população, damos hoje algumas informações de fontes seguras” (ACTUALIDADE, 25 jun. 1917).

Quem será a fonte segura? Delegado? Quem poderia ser? São perguntas que faço durante a leitura do jornal. Ao final da notícia, o jornalista incita, de forma sensacionalista:

No próximo número, continuaremos a dar mais informações a respeito deste caso, conforme notas tolhidas fidedignamente. Nosso intento é esclarecer aos nossos leitores com notas verdadeiras sobre esse tão falado incidente que tem despertado uma legítima curiosidade em todo o povo de nossa capital (ACTUALIDADE, 25 jun. 1917).

A Carl Hoepcke e Cia., em 1918, declarou falência e a venda de bens nos jornais locais. Essa e outras histórias são narradas no decorrer das edições bissemanais do jornal *Actualidade*.

A exposição descritiva até então realizada teve a intenção de demonstrar alguns fatos e acontecimentos publicados nos jornais *Kolonie-Zeitung* e *Actualidade*, no interstício da inauguração do Theatro Nicodemus. Esse cine-teatro participou da vida social e cultural da cidade, trazendo entretenimento às pessoas que o frequentavam, assim como deixou marcas na memória urbana de uma Joinville que até início do século XX se dizia uma “pequena Alemanha”.

No próximo item serão descritas as discrepâncias entre dois jornais em circulação nas décadas de 1940 a 1960, o *Jornal de Joinville* e o jornal *A Notícia*, em comparação com os impressos discutidos neste último item.

NOVOS JORNAIS NUM OUTRO TEMPO

As edições do jornal *A Notícia* de 1943 (figura 3) eram compostas de oito páginas, sem a mesma organização de informações que o *Kolonie* ou o *Actualidade* apresentavam. Os classificados apareciam junto das informações de guerra, por meio de dados obtidos em telégrafos, em forma de manchetes chamativas, com letras garrafais, e também misturadas às outras notícias locais. Nas publicações diárias havia fotos tanto de pessoas quanto de lugares e imagens de propagandas dos produtos e dos serviços.

Ao fim da edição diária, usualmente esse jornal possuía um espaço de comentários dos eventos ocorridos na semana, com publicação da opinião de jornalistas sobre os acontecimentos do mundo ou do Brasil, normalmente ao lado de alguma foto publicada em outro jornal de grandes cidades europeias.

Figura 3 – Jornal A Notícia, 24 out. 1943



Fonte: Arquivo Histórico de Joinville (2015)

Anúncios maiores ou que traziam também imagens ocupavam um maior destaque nos jornais e poderiam captar a atenção do/a leitor/a com maior facilidade. Dessa forma, a composição de texto e imagem, auxiliados por títulos com grandes letras desenhadas, formava uma nova imagem a seduzir a possível audiência. Para perceber o aspecto sedutor de um anúncio é preciso compreender a importância de todos os seus componentes, bem com sua disposição no impresso (VIEIRA, 2010, p. 56).

Para Vieira, a disposição dos anúncios e reportagens dos jornais da capital O *Estado* e A *Gazeta* tinha uma intenção preestabelecida, dependendo da importância e dos valores pagos pelos anunciantes, fato que se repetia nos jornais de Joinville.

Em comparação com o jornal *A Notícia*, o *Jornal de Joinville* (figura 4) não tinha praticamente nenhuma publicação de salões nem de clubes, diferentemente do *A Notícia*, que além dos anúncios de *Verein*⁷, como por exemplo os concertos musicais no Harmonia Lyra, ainda em funcionamento atualmente, ou das sessões de cinema, publicava propagandas de produtos até pouco tempo comercializados, como a Kolynos (pasta de dente) e a ervamate.

⁷ *Verein*: associações culturais, em alemão.

Figura 4 – Jornal de Joinville, 11 mar. 1943



Fonte: Arquivo Histórico de Joinville (2015)

Outro tipo de publicação que não existia nos jornais das décadas de 1910 e 1920 eram as notícias relacionadas ao esporte brasileiro. Já na década de 1940, por sua vez, havia uma acirrada disputa futebolística entre dois times locais – o América e o Caxias –, a qual era veiculada nos jornais locais com quase uma página de espaço midiático. Na figura 5 mostra-se a publicação da venda de jogadores, prática comum até hoje, bem como os jogos entre times brasileiros que ocorreram durante a semana.

Figura 5 – Notas desportivas – jornal *A Notícia*, 30 out. 1943



Fonte: Arquivo Histórico de Joinville (2015)

Por outro lado, houve uma ampliação de leitoras dos jornais por conta da inclusão de uma coluna feminina, sob assinatura do codinome Vilma, o que pode ter gerado um aumento nas vendas dos jornais. No entanto ainda havia um preconceito com as mulheres escritoras. Percebe-se nessa coluna que o que era publicado se limitava a receitas culinárias, remédios e indicação de médicas especialistas em doenças de mulher e crianças, como se as intelectuais do gênero feminino apenas soubessem escrever sobre isto, “assuntos de mulher”.

Nessa coluna eram dadas dicas às donas de casa sobre como lavar panelas de determinada origem, por exemplo, “não se deve usar soda para lavar panelas de alumínio”, ou ainda sobre como conservá-las: “esfregue sal com um pano na panela para mantê-la lisa e com a aparência sempre limpa” (*A NOTÍCIA*, 15 abr. 1956).

Os classificados dos jornais da década de 1950 começaram a ser separados por produtos e serviços profissionais. Numa das últimas páginas do jornal sempre havia uma coluna marítima, na qual se comercializavam os fretes e as passagens de navios e onde constavam as tábuas de marés. Um dado interessante encontrado é que os telefones publicados nessas propagandas eram de apenas três dígitos. Hoje já utilizamos em nossos telefones e celulares de oito a nove dígitos.

As edições dos meses de setembro a novembro de 1956 do *Jornal de Joinville*, que tinha como diretor I. Silva Jardim, mostram, nesse ínterim, alguns fatos nacionais e outros locais interessantes e relevantes⁸: no início de setembro foi promulgada a nova lei de imprensa, durante o governo de Juscelino Kubitschek. Nesse mesmo mês foi veiculada a preocupação do governador do estado de Santa Catarina da época, Jorge Lacerda, com a falta de energia elétrica. Na edição de 9 de setembro, outro fato marcante para o mundo: a primeira foto de um átomo. E, na edição de 2 de setembro, uma boa lembrança para mim: a propaganda de uma máquina de costura da marca Stein (figura 6) – um dos exemplares dessa máquina

⁸ O jornal *A Notícia* não possui exemplares desse período arquivados no AHJ.

está na residência de minha avó materna até hoje. Às vezes, a pesquisa de campo traz sensações saudosistas de um passado que não tem volta, ao descobrir fatos e memórias de um tempo vivido pelos nossos antepassados.

Figura 6 – Máquina de costura da marca Stein – *Jornal de Joinville*, 2 set. 1956



Fonte: Arquivo Histórico de Joinville (2015)

Ternes (1993, p. XX), jornalista e escritor que publicou sobre a historiografia da cidade, afirma que, às vésperas da década de 1960, em Joinville,

[...] o Rio Cachoeira ainda está limpo. As tardes de domingo são calmas. Os passeios são feitos de bicicleta, ou mesmo a pé. Não há qualquer tipo de preocupação com índices de violência ou marginalidade, e o delegado de polícia é apenas um. A cadeia é pequena e só um modesto “jeep” constitui a “frota” da polícia civil. Joinville, no entanto, se despede da “belle époque”. Fecha-se um ciclo na história.

O jornalista Apolinário Ternes, quando publicou na década de 1990 a história de Joinville, em mais um de seus livros patrocinados pela associação comercial da cidade (COELHO, 2011), mostrou marcas de um saudosismo doloroso pela perda das características bucólicas e tradicionais germânicas da cidade. Mas não era só a “pequena Alemanha” que vinha se modificando; os jornais mostram isso melhor do que ninguém.

Ir ao cinema e aos bailes nos anos 1950 e 1960 era um evento especial. Não havia diversas sessões num dia, como acontece hoje. As sessões eram diárias, com no máximo dois filmes ou duas séries exibidas por dia. Então, a sessão de cinema gerava um movimento intenso em frente ao edifício, “onde formas de ser, de se enamorar, de viver, de se comportar, de se vestir e até de amar eram expostas de forma exemplar”, conforme expõe o historiador Alexandre Sardá Vieira (2010, p. 3), em sua tese sobre os cinemas de rua em Florianópolis. E, dependendo com quem se combinava o encontro para ir ao cinema, era mais especial ainda. O edifício do cinema era um lugar de namoro, encontros e desencontros. Os preparativos para ir à sessão de cinema e aos bailes nessa época constituíam

um acontecimento especial. Também era lugar de encontro para ir a outros eventos, para conversas e falatórios, *footing*⁹, trocas de olhares, lanches e paradas para um café e outros acontecimentos que movimentavam parte do centro da cidade.

Nos jornais da década de 1960 encontram-se outros fatos marcantes que foram noticiados no *Jornal de Joinville*: o primeiro coração artificial funcionava perfeitamente em cirurgia realizada no Texas, Estados Unidos; em junho de 1966 os Estados Unidos conquistaram a Lua; em julho, a seleção brasileira de futebol estava em busca do tricampeonato mundial com Pelé, o que só veio a ocorrer em 1970; em agosto, publicaram-se fotos de campos de concentração na cidade de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, consequência direta do regime militar, e Che Guevara visitou o Brasil; em setembro, o Novo Código de Trânsito entrou em vigor no território brasileiro e, pela primeira vez, vejo eletrodomésticos sendo comercializados nos jornais locais. A Hermes Macedo era a campeã em ofertas, “34 anos de liderança no comércio do sul brasileiro – As lojas mais famosas da cidade” (A NOTÍCIA, 1966). No mês de outubro de 1966, uma novidade dentro dos classificados: horóscopo diário, com uma sinopse do que viria a ocorrer com cada signo. Todos esses fatos e notícias, e também as propagandas em classificados, eram veiculados em preto e branco. A cor somente viria a ganhar espaço muitos anos depois. Noutro classificado há a publicação de conserto de televisores das marcas GE e Philips, ainda em sua maioria com imagem em preto e branco, já que a televisão em cores apenas chegou ao Brasil – e em consequência à cidade de Joinville – no início da década de 1970.

Os avanços tecnológicos observados nas publicações jornalísticas, citados no parágrafo anterior de forma descritiva, como por exemplo o surgimento dos eletrodomésticos e televisores, demonstram que o período após a Segunda Guerra Mundial foi um marco sem precedentes para a indústria. Joinville passou a ser reconhecida nacionalmente como um polo industrial, especialmente pela instalação de grandes fábricas a partir dos anos 1950, como Consul, Embraco, Multibrás, Buschle e Lepper, Fundação Tupy (década de 1930) etc. A chegada de tais fábricas trouxe a Joinville muitas ofertas de emprego e, conseqüentemente, migrantes de várias cidades próximas e de alguns estados, como Paraná e Rio Grande do Sul.

As tensões decorrentes das migrações geraram esforços das elites políticas, intelectuais, industriais e comerciais da cidade, como por exemplo a Associação Empresarial de Joinville (Acij), em reafirmar a marca de Joinville ainda sob os braços alemães, como a “cidade-trabalho”. No entanto a cidade que se dizia alemã tradicionalmente, propagando essa ideia pelo território nacional – quem dirá internacionalmente –, já era um município que contava com 90 mil habitantes, das mais variadas etnias e ascendências, na década de 1960. As misturas de etnicidades e os encontros e desencontros das pessoas fizeram a cidade formar novas identidades. O desraizamento dos migrantes, com o conseqüente crescimento populacional desordenado, a industrialização do sistema produtivo, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, e as rápidas mudanças urbanas na cidade de Joinville fazem parte dos acontecimentos marcantes de sua história. Alguns deles foram noticiados nos jornais da urbe e fizeram do edifício do Cine Palácio, antigo Teatro Nicodemus, ser o que é hoje, todavia discutir os usos desse espaço na contemporaneidade não será aqui possível, por falta de “tempo e espaço”.

⁹ *Footing* é uma expressão que representa o caminhar/perambular a pé dos jovens de um ponto para outro a fim de serem olhados. Por exemplo, havia o *footing* entre o Cine Palácio até a Sorveteria Polar, que ficava na Rua 9 de Março, ambos no centro da cidade. Normalmente essas caminhadas eram feitas em grupos de garotas, que “desfilavam” em frente aos rapazes, assim como os rapazes, também em grupo, circulavam, passando em frente aos grupos de garotas. Via de regra, vestia-se a melhor roupa para fazer essas caminhadas, com o objetivo de talvez encontrar um(a) namorado(a).

CONSIDERAÇÕES

Joinville começou a verticalizar-se a partir dos anos 1950; tal fato é percebido também em outras cidades brasileiras, o que possibilitou o incremento da renda do solo urbano. Esse crescimento da especulação imobiliária, além dos outros motivos destacados ao final do item anterior, como a industrialização brasileira e a migração de pessoas para a cidade, fez com que houvesse um movimento por parte de algumas pessoas interessadas na manutenção das características marcantes da urbe, no sentido de preservar tais marcas. Esse movimento, surgido especialmente durante a festa do centenário da cidade, mais tarde veio a ser o embrião das primeiras políticas públicas em prol da preservação do patrimônio cultural de Joinville.

Considerando a narrativa do início do século XX sobre o prédio do Theatro Nicodemus – o qual abrigou por várias décadas o Cine Palácio – e as pinceladas em jornais da cidade, conclui-se que os eventos ocorridos na época da inauguração do teatro, particularmente os interstícios da Primeira Guerra e depois a Campanha de Nacionalização, e os acontecimentos descritos quando comparei os jornais em suas trajetórias, contribuíram para que o edifício do antigo cine-teatro, que hoje abriga a Igreja Evangélica Universal do Reino de Deus, fosse tombado pela municipalidade.

Esse edifício foi o primeiro tombamento em âmbito municipal, tornando-se patrimônio com valor cultural. Tal espaço foi palco de muitos eventos culturais, esportivos e associativistas, e conforme a historiadora e professora Sandra Guedes (2003), que deu início ao processo de tombamento, a iniciativa teve impulso por parte dos acadêmicos do 1.º ano do curso de graduação em História da Univille. Os alunos fizeram uma pesquisa de campo na qual houve o preenchimento de formulários por 500 pessoas, e a grande maioria delas demonstrou interesse na preservação daquele espaço. Comprovado o interesse, a professora Guedes e os acadêmicos montaram uma exposição com os dados coletados (no Arquivo Histórico de Joinville e depois no *hall* do Fórum) e fizeram circular um abaixo-assinado que coletou em poucos dias 1.400 assinaturas em prol do tombamento do antigo cine-teatro.

O dossiê completo da pesquisa foi encaminhado à Comissão de Patrimônio Municipal, que após deliberação aprovou e votou pela preservação do edifício, motivando o primeiro tombamento da cidade de Joinville em âmbito municipal. Os fatos narrados nos jornais impressos podem não ter vinculação direta com a inauguração do Theatro Nicodemus, nem com o auge do Cine Palácio ou com o ato de proteção preservacionista, mas influenciaram a narrativa histórica desse bem cultural, ao menos no sentido de descrever o clima e algumas práticas que se viviam naqueles tempos de bombardeios noticiados e fofocas impressas.

REFERÊNCIAS

ACTUALIDADE. Joinville, nov. 1917-ago. 1919.

A NOTÍCIA. Joinville, 1943; 1956; 1966; 1969.

COELHO, I. **Pelas tramas de uma cidade migrante**. Joinville: Editora Univille, 2011.

CUNHA, D.; BASTIAN, N. **Memória afetiva**. Joinville: Toda Letra, 2009. 96 p.

FICKER, C. **História de Joinville**: subsídios para a crônica da Colônia Dona Francisca. 2. ed. Joinville: Letradágua, 2008.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE JOINVILLE – FCJ. **Processo de Tombamento FCJ/CPC n 2002.001 A-F do Cine Palácio**. Joinville, 2002. 8 vols.

GUEDES, S. P. L. de C. **Cine Palácio**: fragmentos da história do cinema em Joinville. Joinville: Editora Univille, 2003.

GUPTA, A.; FERGUSON, J. Mais além da “cultura”: espaço, identidade e política da diferença. In: ARANTES, Antônio A. **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000. Cap. 2, p. 30-49.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

INSTITUTO CARL HOEPCKE. 2013. Disponível em: <http://www.institutocarlhoepcke.com.br/?page_id=7>. Acesso em: 12 ago. 2016.

JORNAL DE JOINVILLE. Joinville, 1943; set.-nov. 1956; 1966; 1969.

KOLONIE-ZEITUNG. Joinville, jan. 1917-mar. 1919.

LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

LIMA, M. C. D. dos R. Retrato de uma época: imprensa. Há 150 anos o Kolonie-Zeitung começava a registrar o dia a dia da Colônia Dona Francisca. **Notícias do Dia**, Joinville, 13 ago. 2013. Disponível em: <ndonline.com.br/joinville/colunas/.94703-retrato-de-uma-epoca.html>. Acesso em: 12 jun. 2015.

MACEDO, H. **Um verdadeiro presente de aniversário**. Jornal de Joinville, Joinville, 1966.

MACHADO, D. F. **Redimidos pelo passado?** Seduções nostálgicas em uma cidade contemporânea (Joinville, 1997-2008). Dissertação (Mestrado em História do Tempo Presente)–Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SANTOS, L. M. **Kolonie-Zeitung, uma história**: a viagem pelas oito décadas do primeiro jornal alemão de Santa Catarina. Monografia (Graduação em Jornalismo)–Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

TERNES, A. **A Notícia**: jornalismo & história – 1923-2003. Joinville: Letradágua, 2003.

_____. **Joinville**: a construção da cidade. São Paulo: Bartira, 1993.

VIEIRA, A. S. **Sessão das moças**: história, cinema, educação (Florianópolis: 1943-1962). 240 p. Tese (Doutorado em História)–Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.